

**Discussion
Paper**

ESPM

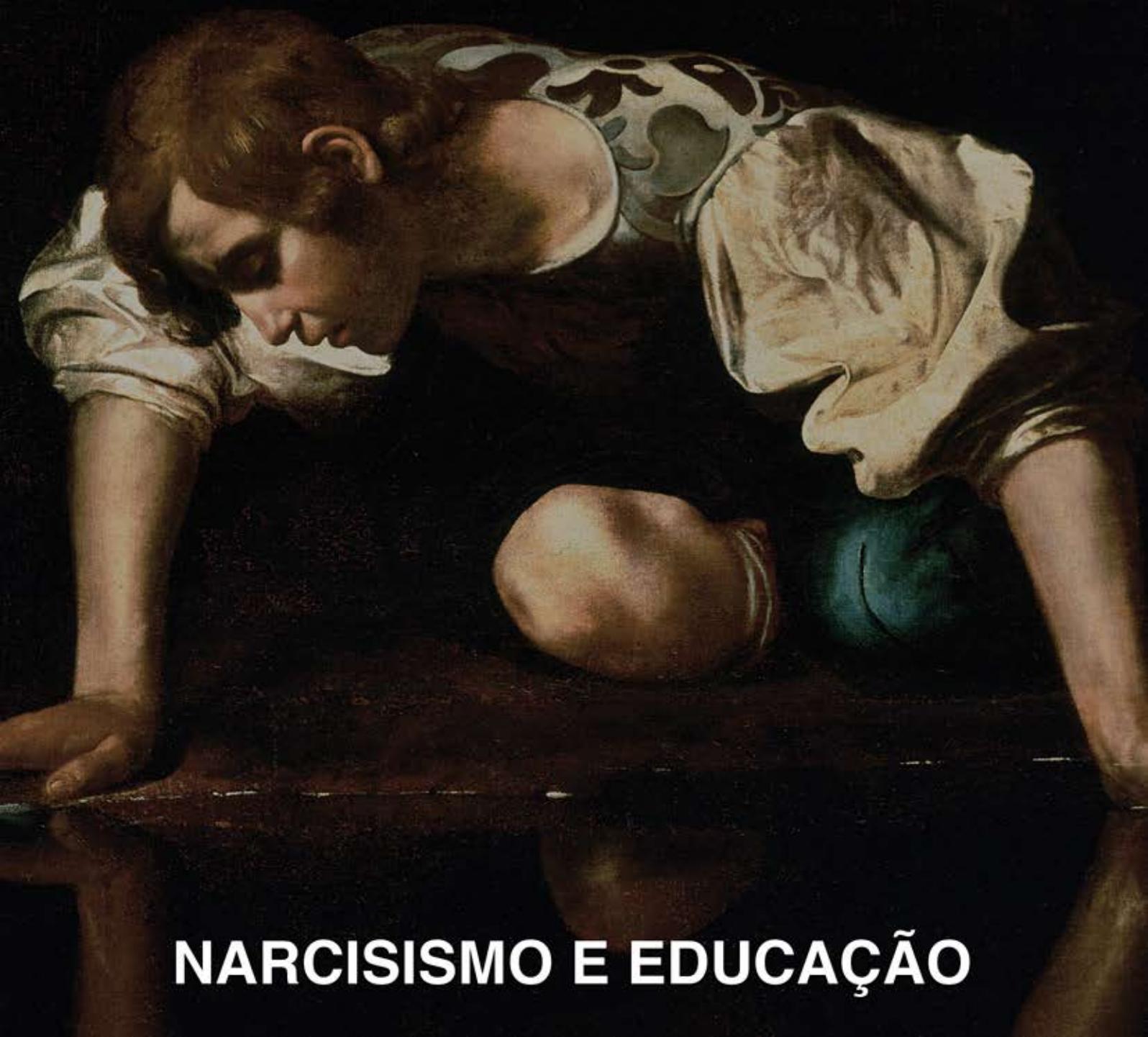
v. 1, n. 2, 2013

Prof. João Matta

Prof. Heraldo Bighetti

Prof. Paulo Cunha

Profa. Paola Mazzilli



NARCISISMO E EDUCAÇÃO

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

J. Roberto Whitaker Penteado

Presidente

Alexandre Gracioso

Vice-presidente acadêmico

Elisabeth Dau Corrêa

Vice-presidente administrativo-financeira

Emmanuel Publio Dias

Vice-presidente corporativo

José Francisco Queiroz

Vice-presidente de marketing e comunicação

Luiz Fernando Dabul Garcia

Diretor geral da graduação ESPM-SP

Ismael Rocha

Diretor acadêmico de graduação ESPM-SP

Conselho Editorial

Prof. Carlos Frederico Lucio

Profa. Cristina Helena Pinto de Mello

Profa. Denise Fabretti

Prof. Fabio Mariano Borges

Prof. Ismael Rocha

Prof. João Osvaldo Schiavon Matta

Prof. Luiz Fernando Dabul Garcia

Prof. Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Prof. Leonardo Nelmi Trevisan

(Edição de texto)

Prof. Matheus Matsuda Marangoni

(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch

(Gerência de edição)

APRESENTAÇÃO

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico, nos seguintes formatos: texto: Microsoft Word; tabelas: Excel; gráficos e figuras: Powerpoint. Quanto a forma, os originais deverão ser apresentados em arquivo de texto: Microsoft Word, página tamanho A4, margem esquerda e superior de 3cm, direita e inferior de 2cm, espaço 1,5, fonte Times New Roman, com limite de 06 páginas. O Discussion Paper ESPM adota como critério orientador para elaboração das referências bibliográficas dos papers a norma NBR-6023:2002 - Informação e documentação.

O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores (blind review), que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Os resultados desta avaliação serão encaminhados aos autores através do endereço eletrônico informado no ato da submissão, preservadas estritamente a confidencialidade e privacidade deste resultado.

SUMÁRIO

Narcisismo e a sociedade do espetáculo: o ideal do ego no mundo contemporâneo.....4

João Matta

Origem e evolução do mito: o que eu tenho a ver com isso?.....7

Heraldo Bighetti

Que papel você representa na sala de aula? Narciso ou espelho?...10

Paulo Cunha

Narcisismo tem idade? A overdose da própria imagem.....13

Paola Mazzilli

Narcisismo e a sociedade do espetáculo: o ideal do ego no mundo contemporâneo



João Matta

Dizem que eu sou culpado deste debate. A culpa é de um artigo, que eu escrevi. Na verdade, um pequeno artigo sobre a ideia de narcisismo. É preciso saber que conceito é esse, cruzando com a ideia de uma sociedade do espetáculo pensada por Dèbord. Mas, uma sociedade do espetáculo diferente da do Dèbord, porque vivemos hoje em uma sociedade do espetáculo com algumas variações da que ele propôs lá nos anos sessenta. É mais ou menos esta a ideia do artigo.

De onde vem esse caminho? No mestrado e doutorado acabei trabalhando com consumo dos jovens. No meu mestrado, mais com construção de celebridades na internet. Já no doutorado, com redes sociais ligadas ao consumo a partir de um olhar muito mais da antropologia do que propriamente de um olhar da comunicação mercadológica ou da economia.

Nessas andanças, de mestrado e doutorado fui chegando, via análise do discurso, na questão discursiva, do simbólico, do imaginário, do real trabalhados por Lacan e indo até o Freud, aonde ele fala do mal-estar, na verdade, o mal-estar da cultura. Ele trata de uma cultura e de um sujeito moderno reprimido da questão do gozo. E o Lacan traz uma ideia do inverso da proposição de Freud. Teríamos, atualmente, um sujeito contemporâneo, que alguns chamam de pós-moderno, levado por um imperativo ao gozo. Quando trato deste tema com os alunos em aula, discutimos o fato de antes termos sido proibidos de gozar e havia, então, uma repressão ligada a questão direta sexualidade reprimida.

Atualmente, ao contrário, gozar não é uma questão de permissão apenas, mas de obrigação. Ser feliz virou algo da ordem da opressão. Ser feliz, como a própria Maria Rita Kehl nos fala, tornou-se opressão social, algo do obrigatório. Por exemplo, às segundas-feiras de manhã você tem que ser feliz, independente da realidade que traz um dia chato em qualquer lugar do mundo. Mesmo você indo a trabalhar em Paris, passando pelo arco do triunfo, aquele trânsito louco na segunda de manhã, mesmo xingando o outro motorista em francês, que é mais chique, <http://notaalta.espm.br>

traz uma realidade difícil de nos fazer felizes e agradecidos por termos acordado cedo para ir trabalhar.

Paralelo a tudo isso que estudei em meus mestrado e doutorado, meus anos de contato com a Psicanálise me levaram à leitura da obra de Freud e cheguei, finalmente, ao narcisismo que é tema deste artigo. Meu contato com a psicanálise, deu-se, primeiramente, por anos na horizontal, deitado em um divã. E, mais recentemente, na formação que curso no Instituto Sedes em São Paulo. E meu interesse pela conexão entre os Narcisismo e Sociedade do Espetáculo veio da minha leitura de um livro chamado Narcisismos do prof. Oscar Miguez, que teve como tema principal de seu doutorado o conceito de Narcisismo. Ele defende uma questão muito interessante referente ao narcisismo, principalmente no contemporâneo, onde há uma compreensão diluída pelo senso comum que nos nomeia como uma suposta “Sociedade narcisista”, que estaria ligada à ideia de uma “Sociedade individualista”.

O narcisismo propriamente dito virou quase que um xingamento, tornou-se algo negativo. Se você falar que um sujeito é narcísico, este pode se ofender. Quando você lê com mais atenção os escritos do Dr. Freud, o narcisismo pra ele não é algo da ordem do que é quantitativo, é uma qualidade que se movimenta. O narcisismo é dinâmico e estrutural dentro de nosso domínio psíquico. Segundo Freud, é através do narcisismo projetado no bebê, que uma mãe, às duas horas da manhã, acorda para amamentar seu filho. É o eu ideal ali representado na criança, que movimenta aquela mãe nas madrugadas da vida. Neste ponto de vista, o bebê é dotado de certa onipotência, o que levou Freud a cunhar a famosa expressão “sua majestade o bebê”. Quando um bebê sai pelas ruas as pessoas, compulsivamente, querem tocar aquele ser tão majestoso, um fetiche maluco por aquele ser. E os pais, estruturados narcisicamente, projetam no filho ou na filha, que é o meu caso, seu eu ideal, de uma pessoa perfeita, maravilhosa, que carrega nesse bebê uma libido que os faz acordar às duas da manhã e ir até seu filho onipotente.

O narcisismo do senso comum é o narcisismo, que seria quase que uma autocontemplação. Por aí, insiste-se em entender o narcisismo como aquela questão de você olhar você mesmo e entrar em um processo de autocontemplação, que pode ser entendido como um autoerotismo anacrônico, que seria o único jeito de prazer que a criança possuía com suas próprias zonas erógenas. Naquele momento, não existe o outro. É uma fase do autoerotismo, onde não existe objeto, a mãe ainda não existe enquanto objeto completo.

Esta mãe, na verdade, é apenas um seio, que está ali naquele momento. E não está em outros. Depois, quando a mãe passa a ser percebida como objeto completo, a criança já estará em outra fase, quando, a partir de seu o narcisismo, consegue construir sua mãe como objeto externo, dando início ao processo de identificação secundária. A partir daí, a criança inicia seu processo de projeção e identificação, e inicia a querer “ser”, a partir do “ter”, o que determina o objeto externo, ou seja, a cultura. Neste momento, a onipotência, é projetada na cultura, como o próprio Freud trabalhou em sua obra Mal-estar da Civilização.

Freud fala de uma cultura que é relativamente diferente da atual. Aí está a devida relativização da questão do gozo. A cultura atual tornou o gozo um imperativo, enquanto que nos tempos de Freud, este era reprimido. Outra diferença marcante entre aquele tempo e os dias de hoje está relacionada à ordem do público e do privado. Se foi a fronteira marcada entre o que é público e o que é privado.

Há uma fala do Bauman onde ele fala do fim da modernidade ter sido marcado por uma entrevista de uma francesa, uma tal de Vivienne, que relatou em um talk show da televisão: “Eu nunca tive um



orgasmo no meu casamento porque o meu marido sofre de ejaculação precoce”. Para Bauman, simbolicamente é claro, a partir desse momento quando ela fala para milhões de pessoas algo de sua vida privada, tem início a pós-modernidade. Nestes tempos, o público e o privado perderam definitivamente suas fronteiras. Por exemplo, o confessionário do Big Brother é um local “privado” com duas portas isoladas de 7 pessoas, enquanto milhões assistem ao que é falado lá. O padre do confessionário pós-moderno é 7 milhões de pessoas. Então, essa cultura tenciona, o tempo todo, fronteiras entre feminino e masculino, público e privada, local e global. E esta cultura cultua a visibilidade midiática como moeda social.

Há um verdadeiro consumo de visibilidade. Um consumo da projeção, do capital simbólico e social dentro de redes digitais como o Facebook, onde os “curtir” são vividos como gozos contemporâneos. O “compartilhar” então, é um vivenciado pelos internautas como um espetáculo público. Há também a síndrome do *check in*. Não falo apenas de uma sociedade que exige um espetáculo, a todo momento, mas também exige que todos sejam protagonistas deste espetáculo.

Dèbord falava de uma cena no espetáculo onde no palco estariam poucos protagonistas. Hoje a sociedade oferece oportunidade para que todos tenham seus 15 minutos de fama, seja na *timeline* do Facebook ou em uma promoção da revista Cláudia, onde a leitora pode sair na capa desde, é claro, que esteja de acordo com o perfil esperado pela revista. Nossa sociedade atual do espetáculo promete o sucesso desde que sigamos os pontilhados que esta nos oferece como modelos de comportamento. O traçoeiro é que pensamos que estamos escolhendo livremente o que consumimos, o que somos, quando, na verdade, escrevemos por cima de um contorno pontilhado que é predeterminado. É assim com os ideais da cultura. Ou será que realmente consumimos *devices*, como iPad, iPhone, iPod, por total livre iniciativa de cada um de nós? Vivemos em um tempo em que é possível ouvirmos de nossos jovens a seguinte frase: “tenho um perfil no Facebook, logo existo”.

Talvez, nos tempos de hoje, o narcisismo se apresente como uma saída deste modo de vida condicionado pelos pontilhados do mercado. Este modo de vida, que é totalmente padronizado, pode encontrar um escape a partir da ideia de um eventual retorno para aquele narcisismo primário. Aquele que nos permitiria parar de projetar toda nossa libido sobre a cultura, pois esta nos oprime a consumir o que está determinado. A partir de um olhar para o próprio umbigo, podemos pensar em nós mesmos e começar a entender o que realmente gostaríamos de consumir. O que realmente queremos, desejamos, sonhamos. Este olhar para nós mesmos pode ser uma saída. Então, o narcisismo, como estrutura, pode ser, ao invés de um sinônimo de uma sociedade individualista e egoísta, uma importante porta de saída para o sujeito atual, oprimido a gozar o tempo todo a partir do consumo de *gadgets* da moda. Assim, este sujeito pós-moderno, submisso a esse modo de vida atual condicionado pelo ideal do eu contemporâneo, pode ter uma saída deste modo de vida condicionado por uma cultura que usa o consumo como forma de controle e não uma cultura consumista, como generalizam alguns.

É isto que trata meu artigo, disparador desta discussão de hoje. Neste meu escrito, eu termino dizendo, então, que o narcisismo, enquanto estrutura psíquica qualitativa e dinâmica, pode ser nossa grande saída deste ideal de eu pós-moderno. Lógico que não imagino voltarmos à onipotência da “sua majestade o bebê”, mas seria uma volta a pensar em nós mesmos com certa dose de egoísmo, a fim de pararmos de seguir tanto os modismos e os determinismos dos mercados dominantes, e nos tornemos, realmente, sujeitos desejantes em acordo com o que sonha nosso mundo interno.

Origem e evolução do mito: o que eu tenho a ver com isso?



Heraldo Bighetti

Tratar desse mitologema, do Narciso, vale muito a pena tanto ouvir Ultraje a Rigor, que fala um pouco de narcisismo, como ficar muito tempo olhando para um Caravaggio célebre e forte.

O prof. Pedro de Santi e a professora Silvana fizeram um texto, alguns anos atrás, examinando justamente um anúncio da GM, reproduzindo o quadro e que mostrava a identificação de Narciso com o carro.

Voltando para o mito de Narciso, ele era filho de Cefiso e da ninfa Liríope. Cefiso era um rio. Os mitos gregos eram muito ligados à terra, montanhas, nuvens, rios. Narciso nasce (e esse foi o grande erro da vida dele) com uma beleza incomum. Era mais belo que os imortais. Era mais belo do que qualquer ser humano na face da Terra também. Isso foi uma preocupação para a mãe porque ela sabia que Narciso estava no limite de ofender os deuses.

A mãe vai a um Oráculo e pergunta: “Até quando ele vai viver?” O Oráculo, que tem esse dom de ver o futuro, fala: “Bom, se ele não se ver”. Mas a vida continua. E o nosso amigo Narciso, como se vê nas leituras desse mito, não gostava muito das mulheres. Narciso gostava de sair pra caçar com os amigos. E com toda aquela mulherada correndo atrás dele destacava-se uma ninfa chamada Eco.

Eco era extremamente apaixonada por Narciso. Eco tinha uma característica interessante, ela falava muito. Mulher alguma tem essa característica, não é? Mas essa era, a exacerbada. Zeus, era “chefe” de todo o Olimpo, e gostava de dar uma escapadinha aqui na Terra para se deleitar com as mulheres. Hera, sua esposa, ficava louca da vida e o proibiu de sair. O que vou fazer? – pensou Zeus. Lembrou-se então de Eco, a ninfa que falava sem parar. Levada para o Olimpo, Eco ficou conversando e entretendo Hera, deixando o caminho livre para Zeus que saiu para

divertir-se com as belas mortais. Hera, muito ciumenta, desconfiou e culpou Eco pela distração que permitiu a fuga de Zeus. Puniu-a com uma maldição. Eco só poderia falar os últimos sons das frases que ela ouviu.

Eco volta para a Terra, depois desse evento, e apaixonada começa a perseguir Narciso. Perdido de seus amiguinhos de caça, aí ele começa a chamar: Olá, ninguém me escuta?. Eco, escondida, responde: “Escuta”. Narciso grita: “Vem cá!”. E Eco responde: “Vem cá!”. Nesse ponto, ela se mostra e joga-se nos braços dele. Narciso a recusa e sai correndo.

Foi um trauma para ela, que se recolhe num lugar afastado de todos. Ali vai definhando, definhando, definhando até perder seu corpo e virar um rochedo. As amigas da ninfa Eco queixam-se com Nêmesis, a deusa da vingança e reclamam : “Olha a sacanagem que o cara fez!”. “Pode deixar que eu vou jogar uma maldição em Narciso!”. E fala: “Ele terá um amor impossível”.

Narciso está em outra caçada na floresta. Com sede, vai beber numa fonte que de tão limpa, refletia tudo. Ao debruçar-se sobre a água, ele vê seu reflexo e aí acontece. Nêmesis fala: “Bom, esse eu já peguei”.

Retratado nesse quadro, Narciso aparece se vendo, se maravilhando com a sua própria imagem. Ele não conseguiu mais sair do lugar e ficou lá se olhando, se olhando, se olhando até que ele também perde toda a sua essência. Ninguém encontra mais o seu corpo dele. Lembro de uma versão que ele tinha caído dentro no lago e morrido afogado. Não, isso também é uma metáfora. São várias versões do mito.

Em uma delas, ele some e, no seu lugar surge uma flor que é o narciso. O narciso é estupefaciente. Aliás, narcótico é um termo que vem de narciso. Em um outro mito é a flor que leva Perséfone a cair no Hades, mas isso são outras mitologias.

Ovidio fecha o relato da tragédia de Narciso de forma interessante: “na relva opaca, não se cansa de olhar seu falso enlevo e por seus próprios olhos morre de amor”. O grande erro de nosso amigo Narciso foi a escolha errada do objeto de amor. O amor, como sabemos, deve ser dirigido ao outro. E não a si mesmo. Aqui temos como referência a primeira parte de nosso debate, exposta brilhantemente pelo prof. João Matta. O amor do *self* torna-se uma reflexão patológica, ele se perde no momento que se encontra.





O mitologema de Narciso é baseado no tabu contra a vaidade, o excessivo auto-amor e no eu como única realidade.

Muita gente é assim! Bom, eu como publicitário, gostei mais é do espelho. Eu acho que o grande barato que nós estamos vendo é o espelho. A finalidade dele é captar a nossa imagem, a gente nele se vê porque ele se enleva na realidade. Uma das vertentes do mito de Narciso é a de que um espírito dentro do lago puxou sua alma. Por isso, existem crendices espalhadas pelo mundo para se tomar cuidado com o espelho.

O espelho pode capturar a nossa alma, assim como a fotografia. A fotografia é o espelho daquele momento nosso, que foi capturado. Minha mãe, por exemplo, não gostava. Ela não se deixava ser fotografada, não queria que roubassem a alma dela. Quanta gente é deste jeito, sem notar... principalmente sem notar...

E o que eu tenho a ver com isso? Curiosamente um dos livros que eu mais gosto sobre a propaganda norte americana, que conta sua história, seus principais criadores; tem por título "The mirror makers". Ou seja, os fabricantes de espelhos. Nosso papel como publicitários, fabricantes de espelho, é criar aquilo que leva à danação de quem diante dele fica. Nós também temos esse conceito de Narciso, de se ver, de ser notado? Vejam esses anúncio que interessante.

Que papel você representa na sala de aula?

Narciso ou espelho.



Paulo Cunha

A proposta é fazer um link entre a ideia do narcisismo, saindo um pouco de uma posição mais psicanalítica, psicológica, e trazer um pouco para o nosso trabalho, o da sala de aula, que vivemos aqui na escola. A questão central é a que está posta como tema: “que papel você representa na sala de aula”. Eu faria um pequeno subtítulo falando sobre “o narcisismo do professor”. Na verdade o tema poderia outra questão também: “O que cada professor espera da sua turma e da sua sala de aula?”.

Acho que para entendermos o narcisismo do professor, a precisamos entender o outro lado, aquele que entra junto conosco quando estamos aqui pra frente. E aí passamos a pensar numa questão mais anterior que é o que significa dar aula. Em que posição nos investimos? Somos detentores do saber? Somos mediadores de um saber? Tantos termos bacanas e sérios, mas que também vem embalados em milhões de palestras ao longo da história da educação. Estimular uma experiência criativa, cognitiva, liderança. Tudo isso?

Na verdade, quando a falamos do professor, não se pode deixar de pensar que é importante entender o poder. E perceber, através desta dimensão de poder, no papel que exercemos na sala de aula, que depende, na verdade, do conhecimento de metodologia, do grau de simpatia. E também de valores e afetos que estão intimamente relacionados com aquilo que nós somos aqui na frente. Com certeza precisamos tentar, pela questão de métodos. Mas também da maneira como isso é contado, transmitido e, pior, transmitido, muitas vezes, sem voz, na atitude, na forma. E isso está relacionado à aquilo que o espaço da sala de aula ocupa na nossa própria constituição. E como tudo na nossa vida, não é uma coisa estanque, graças a Deus, senão seríamos uma rocha, chatos, seguindo a vida inteira sem nenhuma possibilidade de evolução ou de repensar alguma verdade melhor. Talvez esse seja o grande desafio, não só

na sala de aula, mas de um médico, de um executivo, de qualquer área profissional, ou seja, em algum momento ou em muitos momentos aquilo que fazemos para ganhar dinheiro.

Sobreviver ocupa um espaço importante, também afetivo, e às vezes esse afeto, ele se manifesta, ocupa um espaço maior do que a objetividade com a qual lidamos com aquilo que, em primeiro lugar, põe dinheiro no nosso bolso. Creio que todos que dão aula já falaram sobre stakeholders com seus alunos, quando é comum dizer que “acionista não pensa com a cabeça, pensa com a carteira”. Mas nós, muitas vezes, nos esquecemos disto, do objetivo de nossa função profissional, que ela, em primeiro lugar, está a serviço de uma sobrevivência, de uma manutenção e dentro de um processo qualitativo de vida escolhemos, algo que faça sentido. Porém, como somos humanos, isso se perde em um emaranhado de emoções, de projeções e de questões que não estão aqui dentro, estão fora e que vem conosco quando fechamos a porta do carro na garagem aqui embaixo.

Bem, primeiro, podemos dizer que ter diferentes públicos a cada semestre é um grande exercício de apaixonamento e de desapaixonamento periódico. Um tipo de desprendimento que é muito difícil de assimilar. E que, nem sempre, está relacionada a questão que estão conosco, mas talvez, como eu disse antes, no que nós estamos vivendo naquele período, naquele semestre. Mas vamos pensar que entrar, é fazer crer, induzir, liderar, por mais objetivo que queiramos ser, existem afetos que não estão simplesmente representados por um coraçõzinho. Tem um investimento libidinal, como o João Matta falou há pouco.

Depois, tratar de uma turma com a responsabilidade de julgar é um tremendo poder. E é impossível que isso não nos afete. Temos um poder e na cabeça deste cara que está sentado aqui na frente é um poder de vida ou de morte. Vida e morte, pra ele, significa o aprovarmos ou não, de acordo com as manifestações narcísicas dele, ou seja, ele quer ser aprovado como inteligente, como bacana, como o filho que não o é pelo pai. Sairíamos do nosso papel se nós entrássemos nas cabeças desses alunos, mas é impossível imaginar que só porque alguém está ligado, vendo o facebook na minha aula é uma questão pessoal comigo, é um afeto específico comigo, enfim. E temos esse poder na mão e ele olha para nós com esse poder e muitas vezes, se for muito simpático e sedutor, até acreditamos que ele gosta de nós. É natural. A expectativa de que sejamos ouvidos, debatidos, percebidos como importantes se nós não nos preocupássemos com isso também estaríamos no papel de uma rocha.

O problema é quando esta expectativa se transforma em um objetivo inconsciente. Nesse momento a deixamos a posição de professores e nos transformamos em buscadores de afetos, de aprovações e de reconhecimento. Nos tornamos reféns dos alunos, que esperam de nós uma liderança positiva e não uma submissão amedrontada. Passamos a fazer aquilo que pode impactar mais a turma, e não aquilo que deveria ser feito como objetivo da nossa disciplina. E aí reside uma questão que o João Matta mencionou. Nesse momento projetamos algo. Passamos a ser uma projeção da nossa libido no outro e confundimos tudo.

Outra questão, quando perdemos o papel de professores, de gestores de uma turma, aumentamos a carga de trabalho para nós – e de tensão também. Ou pior, às vezes, se tornamos perversos, punindo demais ou assumindo uma posição autoritária e massificadora impedindo, assim, diálogo, mediação, percepção de resultados do nosso trabalho. “Eu fiz tanto”, “talvez não precisasse fazer tanto”, “talvez você tivesse que assumir, infelizmente, por uma questão de naquele semestre daquela turma” – logo, algo não rolou e nem por isso não foi ruim, mas se olharmos como ruim, ou seja, o aprendizado fica em segundo plano e obviamente isso, esta relação de troca silenciosa aparece na avaliação.

É difícil não pensarmos nem no afeto nem no controle da turma, difícil não sermos atingidos pela desaprovação, mas fatos como esses podem ser chatos e difíceis de digerir, mas ao mesmo tempo eles são pistas para uma revisão ou para um repensar da nossa atividade, enquanto profissionais. Os alunos querem algo de nós e nós queremos algo deles. É uma relação. O impasse balança, infelizmente, direitos e posições extremadas. Ou somos inatingíveis ou nos colocamos como as grandes referências que podemos ser perguntados, mas nunca questionados. É aí que assumimos a posição de Narciso ou que a refletimos.

Refletiremos a falta de limite, um pouco do que o João Matta falou, dessa sociedade ocidental e essa falta de limite que os alunos, não só nossos, trazem pra nós. E o pior, que os pais dos alunos, como nós muitas vezes já fizemos, colocaram na cabeça dos alunos que serão nossos quando chegarem atrasados para pegá-los na escola. O mesmo pai que falava: “Você não pode atrasar!” Pequenas coisas que constroem uma percepção dentro dum quadro da sociedade, de mundo, de cidades, enfim, não entrando por aí, mas essa distorção muitas vezes é fácil de falar: “esse cara aqui não tem a menor noção.”, mas nós fazemos isso para os nossos filhos. Outros pais fizeram. Isso não é pra desculpar.

É para entendermos que, muitas vezes, isso é um reflexo muito mais amplo do que, simplesmente, “gostou ou não gostou de mim”. E se eu acho que gostou ou não gostou de mim, eu tenho grandes chances de entrar por essa porta querendo atrair esse afeto porque eu acredito que com esse afeto, ele vai me julgar melhor do que só pelo meu conteúdo de aula, que, às vezes, pode ser meio chato, pode estar meio desatualizado, que eu nunca contei isso pra ninguém, mas talvez eu sinta isso. Assim podemos refletir a falta de limite da sociedade ocidental, os nossos alunos... mas como? Com a nossa própria falta de limite. No momento em que eu não sei a posição que eu ocupo aqui eu estou exercitando a mesma falta de limite que eles também trazem das suas próprias vidas e que exercem, um pouco pela idade, um pouco pela sociedade. Me diga um adolescente que não queira expandir limite, talvez ele simbolize: “Tem um adolescente doente.”

Porque o momento dele é de expansão de limites e ele vai forçar. Faz parte do seu desenvolvimento. E nisso, quando o Heraldo (Bighetti) falou que o espelho captura a alma é a nossa. Então pra terminar, não podemos ser, não pode se acomodar e nem nos deixarmos intimidar pelos nossos próprios medos.

Interessante observar que muitos, muitos de nós em algumas situações, mesmo cercados por uma equipe e por pessoas, talvez, de maior confiança e proximidade e, ainda assim, nos sentimos ou nos colocamos na posição do fechado ou do isolado: fechamo-nos dentro das nossas verdades e ante tudo aquilo que nós talvez não queiramos ver muito de nós. Não são nossos alunos que diagnosticam a nossa obsolescência, que é o grande medo de todos nós. Somos nós que induzimos os alunos a perceber a nossa obsolescência. O problema necessariamente não está no conteúdo nem na didática, mas naquilo que esperamos de cada turma, de cada sala, ainda que inconscientemente.

No momento em que eu saio da minha posição, voltado a um gozo maior do que o prazer de fazer algo bem-feito, eu saio de uma posição e nesse momento eu estou entrando nessa grande confusão que rege, acaba regendo não só a sala de aula, mas todas as relações. Portanto é de fundamental importância perceber qual a posição que estamos ocupando na sala de aula. E se existe um ideal, na minha compreensão, não seria nem ser reflexo, nem ser Narciso, mas, sim, de moldura – sempre nos esquecemos dela!

Narcisismo tem idade? A overdose da própria imagem...



Paola Mazzilli

Eu atuo bastante junto a escolas, a instituições de ensino particulares, aqui em São Paulo. Eu pensei em falar neste aluno antes de ele chegar aqui na ESPM. E eu vou tentar centrar um pouco a minha atenção justamente no lugar do aluno, até porque justamente complementa o que outros já disseram. Boa parte das questões que a gente tá discutindo aqui são questões que estão sendo discutidas aí fora também e muitas vezes as nossas dúvidas, elas coincidem também com as dúvidas, sejam de pais, de professores, enfim, algumas vezes até dos próprios gestores destas instituições.

A minha fala está centrada na escola, mas é claro que ela não precisaria estar centrada na escola. Então, o que que eu tentei fazer? Eu fui destacando algumas coisas que me chamam a atenção desde a educação infantil, que eu trabalho, até o ensino médio e que eu acho que, de alguma forma, nos ajudou a pensar um pouco em qual é a realidade deste aluno que chega, seja aqui na ESPM ou seja em qualquer instituição de ensino superior.

A primeira coisa que me chamou a atenção é o verdadeiro imperativo de hoje: todo mundo tem que falar sobre redes sociais, as chamadas novas plataformas comunicativas. Eu não sei até que ponto são tão novas, assim, quanto a gente fala e eu acho que a gente acaba muitas vezes caindo numa espécie de contradição. E a gente aqui, eu não estou pensando na ESPM especificamente, mas eu acho que o próprio lugar do educador, e a gente acaba ficando um pouco perdido. As escolas, eu acho que até mais do que nós que estamos aqui em outro momento do percurso escolar, o acadêmico dos nossos alunos. Elas estão tentando, a sua maneira, também porque não é fácil, de alguma forma, se atualizar e trazer para sua realidade, algumas coisas que até então que estavam sendo ignoradas e que, assim, falando por, de forma bem, bem direta, bem objetiva, o fato é que não é que elas deixaram de ser ignoradas, é que agora, é, não tem como, virou até uma questão de diferencial, vai, digamos assim, competitiva eu ter *tablets*, eu ter laboratório *touch*,

A questão da tecnologia que também ela vem de uma forma meio descontextualizada, meio esquisita, porque ela é uma intrusa, ela tem que estar lá, mas ao mesmo tempo ela incomoda. Eu acho que é uma coisa que tá acontecendo sim, e nós sabemos que está acontecendo. Por quê? Porque os alunos chegam, ao mesmo tempo, super aparelhados, digamos assim, mas com muita dificuldade de pensar sobre isso e em parte, essa dificuldade é porque eles também não estão sendo educados pra isso.

Eu vou falar um pouco de cada nível porque eu acho que isso ilustra bem essa progressão, então como é que essa história, como é que essa história vai se desenrolando. Hoje, a gente tem, é, muito frequentemente, um trabalho já desde a educação infantil, para fazer com que essas crianças comecem a se familiarizar com essa nova realidade e isso acaba, sem dúvida, incidindo muito, assim, incidindo de uma forma muito, é, muito precisa, na questão da tecnologia mesmo dos aparelhos, então eu já fiz muitos projetos, é, com professores, com crianças com dois anos de idade que envolviam *tablets*, então a própria alfabetização, ela está sendo repensada em função de tudo isso, portanto a gente tá falando algo que realmente, assim, abala, abala currículo, abala exatamente tudo.

Muito bem, para essas crianças de dois anos, é aqui eu nem to colocando tanto a discussão se é interessante ou se não é interessante este tipo de trabalho, mas o fato é que, é, é uma coisa muito louca, você tem ao mesmo tempo, crianças que estão aprendendo a manipular porque, é esse momento, elas tão tentando manipular esse trocinho aí que chamam de iPad, e é um iPad, não vai ser qualquer *tablet*, né? Então elas estão manipulando, por vezes, até, eu já vi isso, chega a dar um nervoso, elas pegam canetinha e elas tentam desenhar em cima dos iPads, o que é interessante se a gente parar pra pensar nessa questão das linguagens, como eles estão se apropriando, mas aí já vem um pouco essa questão que eu falei. “Coloca aí o iPad, vamos ver o que que acontece, então desenha no iPad” outro dia, tinha uma criança que eu vi que estava sentada em cima assim, porque era geladinho, a outra lambendo, outro que estava vendo o gosto, então realmente, literalmente é uma experimentação.

Eu também fiquei um pouco surpresa, a mesma criança que estava lá lambendo, limpando o iPad, alguns minutos depois, queriam tirar fotos com o iPad, ela veio me procurar e aí ela falou assim: “ah, eu quero, como que tira” daí apontava, então assim, não tá entendendo, a gente não sabe direito o que tá sendo entendido. A realidade é essa, criança com três, quatro anos de idade, isso acontece muito, vem com o iPad, nessas escolas que eu trabalho e elas pedem, elas querem que você coloque movimento na foto. Então já é uma manipulação até da imagem, não é só flagrar, não é só fotografar. Eu quero mexer, eu quero mudar. Eu quero transformar essa foto, mas enfim, é claro que a gente ainda está falando, neste contexto, de uma outra forma de lidar com tudo isso, que é inclusive muito baseado na própria experiência tátil.

Mais pra frente, no nível um do ensino fundamental, aí que começa, em geral, nosso problema. Por quê? Porque a partir desse ponto os alunos já têm seis, sete anos, eles já têm Facebook, e, em geral, esse Facebook é mediado pelos pais. Nem todos os pais permitem, mas muitos pais colaboram, até porque optam, preferem colaborar, que é uma outra questão também, a gente nem sempre sabe até que ponto essa é a melhor estratégia, a melhor abordagem. Sim ou não. E aí o que me chama a atenção, o que eu observo nesse momento?

Existe uma necessidade muito grande em estar lá, eles ainda não estão entendendo como é esse estar lá, mas tem que estar, então já aconteceu algumas vezes dos professores chegarem e perguntam: “quem aqui tem Facebook?” e nós sabemos aquele que não pode, porque o pai não deixa, mas se você chegar e perguntar “quem tem Facebook?” a chance de todo mundo

levantar a mão é enorme. Muitas vezes, a criança que não tem também levanta a mão. E ela levanta por quê? Veja gente estou falando de seis, sete anos e isso que elas nem são tão pequenas assim. Todos levantam a mão, mesmo aqueles que, algumas vezes, não tenham, né? Então eles precisam estar lá, talvez eles nem façam uso.

Em geral, o que que a gente vê nessas páginas são os ídolos, como o Justin Bieber. Eu não aguento mais ver o Justin na minha frente, o Justin é um terror, me assombra a noite, a gente vê, também, cachorro fofinho. Então eles pegam imagens de coisas que eles acham bonitinhas e colocam, mas já, eles estão experimentando, eles estão provando, né? Já vejo que é uma outra coisa, não é o computador em si. É o que acontece ali na internet.

Muito bem, um outro problema que a gente tem é, e este muito frequente e que é também um ponto muito nervoso numa escola, pelo menos eu encaro dessa forma é o *bullying*, que também, hoje em dia, a gente está numa época em que tudo é *bullying*. Porém nem tudo é *bullying*, mas de fato algumas vezes acontecem algumas atitudes e situações, que acabam fugindo um pouco do controle. Como por exemplo: criar o perfil *fake* do amigo. Vejam, coisas que algumas crianças pequenas já estão fazendo. E que a gente vê também, com os nossos da ESPM, diga-se de passagem. Mas o mais interessante é que nessa faixa etária e a gente atende muitos pais por esse motivo, nessa faixa etária o próprio aluno que fez o *bullying*, algumas vezes se assusta com o resultado da ação. Ele se assusta porque ele também está numa fase de testes. Então ele monta, faz, dá risada e de repente, aquilo toma uma proporção enorme. É pai brigando com pai. Aquela loucura, um Deus nos acuda e daí ele recua, e daí bate um susto. E de forma impressionante, a gente vai ficando um pouco mais anestesiado.

Neste instante vemos que os pais recorrem a instituição para mediar e pra solucionar estes problemas. Na educação básica há uma preocupação, inclusive jurídica, em relação à essa temática, porque tem muito processo, sim, e os pais cobram um posicionamento da escola. O que é um pouco engraçado porque é como se eles colocassem a escola, hierarquicamente, acima de suas autoridades. A escola precisa agir, então a gente recebe um pai, recebe outro pai, conversa e tal, só que ao mesmo tempo é muito difícil essa posição. E por que que é tão difícil assim? Oras, porque a gente fica naquele eterno dilema do papel da escola. Se eu não falo sobre isso, se eu não recebo de alguma forma essa temática, eu estou me esquivando e esse não é o papel de um educador.

No ensino médio, é engraçado que muda um pouco, pelo menos, assim, se a gente traçar um perfil geral. Muda um pouco. Eles, já estão mais habilidosos, se tornam verdadeiros estrategistas. O show não dá pra ser de todo mundo, a verdade é essa. E talvez nem todo mundo queira estar no palco, porque a gente também generaliza, e é claro que não são todos iguais, não são todos que querem estar no palco, mas quem quer precisa fazer valer esse lugar. E eles percebem isso muito rapidamente, mais rapidamente do que nós, até. Eles sabem captar algumas vezes melhor do que nós, publicitários, a atenção do público. Sabem entreter também muito bem, são performáticos. E aí não estou falando, necessariamente, no sentido pejorativo. No ensino médio o Facebook, seja o que for, começa a virar realmente um lugar em que a vida está sendo narrada, e ela tem que ser narrada, entre aspas. Porque quando ela é narrada parece que aconteceu.

Algumas vezes a gente, talvez, esquece dessa história de que a foto, etc., não está ali só para o outro ver. Eu estou vendo aquilo, eu estou me vendo de outra forma, eu estou dando algum sentido pra mim através disso. É um novo problema a ser administrado porque algumas vezes este é um recurso, sim, para que os alunos ou nós ou pessoas, estabeleçam relações com si



próprias. Qual o caráter dessa relação? Quais são as implicações dela? Daria outra história, mas que há uma vinculação aí, há, sem dúvida.

Enfim, nas aulas em que eu falo sobre a sociedade do espetáculo eles são os primeiros a levantar a mão e a detonar e você fala. Há uma abstinência, comprovada no verso “não posso viver sem mim”. Tem vezes que é assim, eu não posso viver sem mim porque você não pode mais viver sem você, ou seja, você já vive há um bom tempo sem você. Eu acho que essa *overdose* da própria imagem de vez em quando ela nos sugere uma hiperestimulação só que também acaba nos anestesiando, um pouco. Então, assim, será que é mais de mim ou será que está faltando, um pouco de mim aí. Mas, eu acho que quando a gente olha, para tudo isso, também muda um pouco a maneira como a gente entende, essa relação, escola x aluno e a imagem refletida de todos. E não só no Facebook.